

SACRIFÍCIO E REDENÇÃO: UMA ANÁLISE TEOLÓGICA DOS EVENTOS NO MONTE MORIÁ E NO CALVÁRIO

SACRIFICE AND REDEMPTION: A THEOLOGICAL ANALYSIS OF THE
EVENTS AT MOUNT MORIAH AND CALVARY

SACRIFICIO Y REDENCIÓN: UN ANÁLISIS TEOLÓGICO DE LOS
ACONTECIMIENTOS EN EL MONTE MORIAH Y EL CALVARIO

RESUMO

O presente artigo investiga a intersecção entre os conceitos de sacrifício e redenção nas narrativas bíblicas do Monte Moriá e do Monte Calvário. O objetivo central do estudo é comparar os significados teológicos associados ao sacrifício de Isaque, no Monte Moriá, e à crucificação de Jesus, no Monte Calvário, explorando como essas experiências refletem a relação entre Deus e a humanidade. Para isso, a pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, analisando textos bíblicos, comentários teológicos e literatura relevante, buscando compreender a evolução do conceito de sacrifício na tradição judaico-cristã. Os resultados indicam que, enquanto o sacrifício de Isaque simboliza uma prova de fé e obediência, a crucificação de Jesus representa a consumação da redenção humana, revelando um padrão teológico que transcende os eventos isolados e destaca a continuidade do plano divino. Conclui-se que esses acontecimentos não apenas se inter-relacionam, mas também oferecem uma profunda compreensão da graça e do amor divinos, evidenciando a centralidade do sacrifício na teologia cristã.

Palavras-chave: Teologia. Obediência. Graça.

INTRODUÇÃO

O conceito de sacrifício é fundamental para compreender o ethos religioso, sendo um elemento presente em praticamente todas as tradições religiosas, desde aquelas de origem oriental até as que moldaram o pensamento ocidental. No cristianismo, o sacrifício é apresentado através da figura de Cristo, cuja morte na cruz é vista como um ato redentor e substitutivo em favor da humanidade. Dessa forma, o sacrifício é uma

¹ Graduado em Teologia pelo Centro Universitário Inta - UNINTA. Brasil. E-mail: joaquimsousasantiago@gmail.com

constante na busca humana pelo sentido existencial, transcendendo culturas e tradições.

Quando refletimos sobre o sacrifício de Isaque, narrado no relato bíblico, levamos em conta o significado do acontecimento. Essa é a razão pela qual nossa interpretação do sentido do evento se distingue das abordagens unilaterais, que, ao focarem apenas nos aspectos literários, histórico-religiosos, psicológicos ou espiritualizados, acabam por dissipar o fundo enigmático presente no relato bíblico.

Na cruz, o sacrifício de Cristo levanta outras questões teológicas. Sua morte foi realmente necessária? Se Deus possui liberdade total, por que não poderia perdoar a humanidade por meio de outro ato? Será que o sacrifício substitutivo de Cristo foi a única via para a reconciliação com Deus, ou haveria outro caminho que não envolvesse sofrimento e morte? Tais perguntas abrem espaço para uma análise profunda sobre a natureza do sacrifício na perspectiva cristã.

A análise teológica do sacrifício, em especial dos eventos no Monte Moriá e no Calvário, é relevante para a sociedade e a comunidade acadêmica ao fomentar reflexões sobre temas universais como o valor da vida, o sentido do sofrimento e as implicações éticas das crenças religiosas. Na teologia, a investigação sobre o sacrifício e a redenção aprofunda o entendimento sobre o papel da fé, da justiça e da misericórdia, oferecendo uma perspectiva que enriquece o debate acadêmico e promove uma compreensão mais abrangente dos dilemas espirituais e éticos da humanidade.

O estudo do sacrifício e da redenção levanta uma questão fundamental: como o conceito de sacrifício, entendido tanto como obediência quanto como ato redentor, molda a visão teológica da justiça e da misericórdia na tradição judaico-cristã? Além disso, questiona-se até que ponto os eventos desses montes, marcados por um aparente paradoxo entre amor e justiça, podem fornecer esclarecimentos para uma teologia contemporânea.

Analisar a teologia do sacrifício e da redenção envolve investigar a natureza do sacrifício. Primeiramente, o sacrifício de Isaque no Monte Moriá será estudado como um teste de fé e obediência a Deus. Em seguida, a morte de Cristo no Calvário será examinada como um sacrifício substitutivo, interpretado pela teologia cristã como uma expiação pelos pecados da humanidade. Por fim, comparar essas duas concepções de sacrifício permite compreender como o sacrifício se relaciona com a justiça e a misericórdia divinas em ambas as narrativas.

Este estudo aborda o papel central do sacrifício na tradição judaico-cristã, partindo do contexto histórico e cultural em que os eventos no Monte Moriá e no Calvário ocorreram. No Monte Moriá, o sacrifício de Isaque, narrado em Gênesis 22, é analisado como um teste de fé e obediência para Abraão. Já no Monte Calvário, a crucificação de Cristo é entendida como o cumprimento de uma promessa divina, marcada pela ideia de sacrifício substitutivo. Assim, ao comparar os significados teológicos desses dois eventos, o estudo explora como ambos expressam temas de justiça, redenção e misericórdia.

A metodologia deste artigo é baseada em uma pesquisa bibliográfica de natureza básica, com abordagem qualitativa e caráter exploratório. Esse método permite reunir e analisar fontes teológicas, filosóficas e históricas que tratam do sacrifício e da redenção na tradição judaico-cristã, concentrando-se nos relatos bíblicos sobre os eventos no Monte Moriá e no Monte Calvário. Através da revisão de obras clássicas e contemporâneas sobre o tema, busca-se interpretar e comparar diferentes perspectivas, enriquecendo o entendimento sobre o significado e as implicações teológicas desses episódios.

1 CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL

O conceito de sacrifício na tradição judaica e cristã é complexo e rico em significados, variando conforme o contexto e os termos empregados para expressá-lo. Na Bíblia Hebraica, diferentes palavras são utilizadas para descrever as diversas formas de sacrifício, como *zebach*, *olah*, *minchah*, *asham* e *chattath*. No Novo Testamento e na tradução grega da Septuaginta, aparecem termos como *doma*, *thysia* e *prosphora*, que refletem uma multiplicidade de sentidos, revelando que o sacrifício é entendido de forma ampla e variada tanto no judaísmo quanto no cristianismo.

No Antigo Testamento, o sacrifício era um elemento central, oferecido em ocasiões diversas e com significados variados: expressava penitência e celebração, renovava alianças, comemorava festividades familiares e simbolizava consagrações pessoais. Tal pluralismo adverte contra uma interpretação simplista do sacrifício, sugerindo que sua prática abrange duas noções complementares na revelação divina: a primeira, em que o sacrifício expressa o pertencimento dos seres humanos a Deus, e a segunda, que trata da separação humana de Deus devido ao pecado (Stott, 2006).

1.1 O PRINCÍPIO DA SUBSTITUIÇÃO NO SACRIFÍCIO

Um dos princípios centrais do sacrifício é o conceito de substituição, onde uma vida é oferecida em lugar de outra, carregando simbolicamente a culpa que deveria recair sobre o ofertante. Em Gênesis 22:13, Abraão substitui Isaque por um carneiro provido por Deus, estabelecendo um precedente para o sacrifício substitutivo que mais tarde será fundamental no entendimento cristão da redenção através de Cristo.

A noção de substituição é um princípio importante associado ao sacrifício, em que uma vida é oferecida em lugar de outra. John Stott (2006, p. 59) questiona “Como, pois, podia Deus expressar simultaneamente sua santidade no juízo e seu amor no perdão? Somente providenciando um substituto divino pelo pecador, de modo que o substituto recebesse o juízo, e o pecador o perdão”.

O pedido de Deus para que Abraão sacrificasse seu próprio filho foi um teste de fé que desafiou tanto os valores éticos quanto o amor paternal do patriarca. Segundo Horton (1961), essa prova confrontou Abraão com questões profundas sobre o caráter de Deus, que, ao contrário dos deuses pagãos, rejeitava essa prática. Nesse contexto, a narrativa indica que a intenção de Deus não era induzir Abraão ao erro, mas oferecer-lhe uma oportunidade de demonstrar obediência e ampliar sua compreensão sobre os propósitos divinos.

1.2 O PAPEL DO SACRIFÍCIO NA TRADIÇÃO CRISTÃ

No contexto do Antigo Testamento, os sacrifícios desempenhavam um papel crucial na relação entre os hebreus e Deus, servindo como um meio de expiação e reconciliação. Stott (2006, p. 59) argumenta “que sacerdotes, altares e sacrifícios parecem ter sido um fenômeno universal no mundo antigo, mas não temos o direito de supor a priori que os sacrifícios dos hebreus e os dos pagãos possuíam significado idêntico”. Na tradição cristã, a morte de Jesus é vista como o sacrifício supremo, simbolizando a redenção da humanidade. Assim, o sacrifício permanece um elemento central na narrativa da salvação, refletindo a necessidade de expiação e a busca pela comunhão com o divino.

2 MONTE MORIÁ: O SACRIFÍCIO DE ISAQUE

O episódio do sacrifício de Isaac atravessa séculos provocando no leitor moderno uma reação de repúdio pela aparente violação do direito à vida. No entanto, é importante ressaltar que a intenção do texto bíblico não se restringe à literalidade do sacrifício humano, mas sim à revelação de um Deus que, paradoxalmente, desaprova tal prática ao prover um substituto para Isaac (Stadelmann, 1991).

Para compreender a profundidade do ato de fé de Abraão, é necessário considerar o contexto em que se desenrola o episódio no Monte Moriá. O pedido de Deus para que Abraão sacrificasse seu filho Isaque pareceu colocar em risco tudo aquilo que Abraão havia recebido como promessa. Em vez de questionar, ele seguiu o caminho imposto, confiando plenamente na palavra de Deus.

Embora Abraão não tenha entendido o motivo da ordem de Deus, obedeceu imediatamente. Parece que enquanto caminhava para o monte Moriá meditava sobre o conflito entre a ordem de sacrificar Isaque e as promessas de perpetuar a aliança por meio dele. Teria pensado que a solução era crer que mesmo quando atravessasse com o cutelo o coração de Isaque e acendesse o fogo para que o corpo de seu filho fosse reduzido a cinzas, Deus ressuscitaria a Isaque do montão de cinzas (Hoff, 1983, p. 63).

No Monte Moriá, ocorre o icônico evento do quase sacrifício de Isaque, um incidente carregado de significados teológicos e simbólicos. Deus, ao pedir que Abraão ofereça Isaque em holocausto, confronta o patriarca com uma escolha dramática entre a promessa de descendência e a submissão incondicional à vontade divina. “Então disse Deus: “Tome seu filho, seu único filho, Isaque, a quem você ama, e vá para a região de Moriá.

Sacrifique-o ali como holocausto num dos montes que lhe indicarei” (Gn 22:2). Percebe-se que essa ordem direta representa o teste supremo de fé e amor de Abraão, desafiando-o a entregar a Deus aquilo que mais preza.

A intervenção divina no último momento, através do “Anjo do Senhor”, que interrompe o sacrifício e oferece um carneiro como substituto, inaugura o conceito de substituição no sacrifício. Esta troca simbólica não só destaca o valor da vida humana no contexto da aliança com Deus, mas também antecipa, teologicamente, a ideia de substituição expiatória, um tema que reverberará posteriormente na teologia cristã.

Abraão nomeia o lugar de “O Senhor Proverá” (Gn 22:9) reforçando a ideia de que Deus é o provedor em meio a provações aparentemente insuperáveis. Como observa Maria Vicentina Dick, o processo de nomeação é carregado de significados:

A peculiaridade do processo denotativo é exatamente a constituição desta cadeia gerativa de enunciação, que revela contornos particulares; um denominador isolado, construtor de uma mensagem (doador de um único nome ou de vários nomes em situação de abrangência areal), interferindo em uma coletividade receptora, que passa a ser usuária do(s) designativo(s), sem que interagisse na dinâmica do processo. A adequação da escolha, que passa pelo crivo da objetividade ou da subjetividade do nomeador, ainda que inconscientemente, será sentida ou pela reação do grupo ou pela análise posterior do lingüista, em uma fase posterior, distinta do momento inicial de marcação do lugar ou do batismo da pessoa. (Dick, 1998, p.103).

Além de seu simbolismo, o Monte Moriá possui raízes profundas na tradição judaica. Segundo André Chouraqui (1996), o Monte Moriá não é apenas o local do sacrifício de Isaque, mas também representa a presença divina e o compromisso entre Deus e a humanidade, sendo um marco espiritual e histórico fundamental para o povo judeu. Em continuidade a essa tradição, o monte também é consagrado como o local onde o Rei Salomão construiu o templo de Deus (II Crônicas 3:1). Nesse sentido, as

camadas de significados que permeiam o Moriá reiteram sua importância como local de revelação, consolidando-o como um espaço de encontro entre o humano e o divino.

O autor bíblico de Gênesis, ao descrever as intenções de Deus e as respostas de Abraão, destaca a importância do discernimento espiritual como chave para entender a história da salvação. Nesse contexto, a obediência de Abraão não é cega, mas enraizada na confiança inabalável na providência divina, que culmina na substituição de Isaque pelo carneiro provido por Deus. Este acontecimento estabelece o princípio de que a fé genuína envolve entrega e percepção dos sinais de Deus na trajetória do fiel (Tillich, 2016).

3 MONTE CALVÁRIO: O SACRIFÍCIO DE CRISTO

O sacrifício de Cristo no Monte Calvário representa o ponto culminante da revelação divina e o cumprimento de uma promessa estabelecida por Deus a Abraão. Para Carnell (1959 *apud* House, 2005, p. 95) “Abraão é uma bênção para todas as nações porque Jesus Cristo é o verdadeiro descendente de Abraão. Há uma Aliança a unir as duas economias da Bíblia”. A figura de Jesus, então, não apenas cumpre essa promessa, mas revela a dimensão plena do amor e da graça de Deus, ao oferecer-se como sacrifício redentor pela humanidade.

A morte de Jesus no calvário é vista pela tradição cristã como o sacrifício supremo, uma oblação definitiva que redime o pecado e reconcilia o homem com Deus. Ao aceitar a morte na cruz, Jesus realiza a promessa divina de redenção universal. Ele se torna o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (Jo 1,29), resgatando a humanidade de sua condição pecaminosa e restabelecendo a comunhão com Deus, agora não mais limitada aos rituais da antiga Aliança, mas amplamente acessível a todos os que creem (Catecismo da igreja católica, 613).

A Aliança inaugurada por Cristo no Calvário é marcada pelo sangue derramado, que assume um valor eterno e absoluto. Segundo a Carta aos Hebreus, Jesus é o mediador da Nova Aliança, proporcionando “uma nova aliança, para que os que são chamados recebam a promessa da herança eterna” (Hb 9:15). Essa Nova Aliança cumpre-se através da morte redentora de Jesus, em que Seu sangue promove a reconciliação entre Deus e a humanidade. Tal gesto revela a *kénosis*, ou esvaziamento de Cristo, uma renúncia total de Sua própria vontade em obediência à vontade divina, que é realizada plenamente no ato do sacrifício (Souza; Mello, 2021).

A relação entre o sacrifício de Jesus e a figura de Abraão é significativa, pois Abraão foi o primeiro a viver uma *kénosis* como resposta ao chamado divino. Sua disposição para sacrificar Isaac prefigura o sacrifício de Cristo, que se oferece em obediência completa e amorosa. Nesse contexto, Cristo cumpre a tipologia abraâmica, realizando em si mesmo a promessa de salvação e estabelecendo uma Aliança eterna que une as duas economias bíblicas (House, 2005).

Durante o episódio da crucificação, o véu do templo é rasgado, simbolizando a abertura de um novo caminho para a salvação. O ato de Jesus clamar ao Pai e entregar o espírito (Lc 23:44-46) revela que a Nova Aliança é uma realidade inclusiva e universal, ao contrário da antiga Aliança, que se limitava a um povo específico. A partir desse sacrifício, toda a humanidade é convidada a participar da graça e da vida eterna, sem distinções, cumprindo-se a promessa de bênção internacional que Paulo mencionou em Gálatas (Gl 3:16).

A morte de Cristo representa a superação da Lei pela graça, marcando o início de um novo tempo de fé e comunhão espiritual. O amor divino, antes visível apenas em promessas e profecias, agora se manifesta plenamente na cruz, onde o Filho de Deus se entrega pelos pecadores. John Stott (2005, p. 93) chega a declarar que

[...] apenas um ato de amor puro, não manchado por alguma nuance de segundos motivos, foi praticado na história do mundo, a saber, o amor de Deus que se deu a si mesmo em Cristo na cruz por pecadores que não o mereciam. É por isso que, se estamos procurando uma definição de amor, não devemos ir ao dicionário, mas ao Calvário.

Por fim, a ressurreição de Jesus ao terceiro dia é o sinal de que o sacrifício no Calvário foi aceito e que a vitória sobre o pecado e a morte foi alcançada. A promessa da vida eterna, dada desde Abraão, é finalmente cumprida, como ensina Paulo em Romanos: “Não foi mediante a Lei que Abraão e sua descendência receberam a promessa de que ele seria herdeiro do mundo, mas mediante a justiça que vem da fé” (Rm 4:13). A crucificação e ressurreição de Cristo são, portanto, o alicerce da esperança cristã, pois nos convidam a viver uma vida de fé, confiança e comunhão com Deus, estabelecida de uma vez por todas através do sacrifício de Cristo.

4 PARALELOS TEOLÓGICOS E SIGNIFICADOS ESPIRITUAIS

A narrativa do sacrifício de Isaac, no Monte Moriá, e a crucificação de Cristo no Monte Calvário são eventos que se complementam no entendimento teológico do sacrifício substitutivo. No Monte Moriá, Abraão obedece a Deus ao ponto de estar disposto a oferecer seu único filho, Isaac, simbolizando uma entrega total e a disposição de sacrificar o bem mais precioso em prol de um propósito maior. Esse episódio estabelece uma tipologia de fé e obediência extrema, “pois a vida da carne está no sangue” (Lv 17:11), sendo o sacrifício a representação de uma aliança estabelecida por meio da entrega e confiança no divino.

No Monte Calvário, o sacrifício de Cristo, por sua vez, é visto como a culminação desse ato de entrega, pois “Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi

sacrificado” (1 Co 5:7). Enquanto o sacrifício de Isaac é interrompido por uma intervenção divina que fornece um substituto, o carneiro, a morte de Cristo representa a consumação da promessa de redenção definitiva, onde Ele se oferece voluntariamente, tornando-se ao mesmo tempo vítima e sacerdote. Como observa McGrath (2005, p. 470-471) “Ele ofereceu um sacrifício por nossos pecados. E em que lugar ele poderia encontrar essa oferta pura, sem pecado, para dedicar a Deus? Ele ofereceu a si mesmo, pois não poderia encontrar outra oferta como essa”.

O conceito de substituição em ambos os eventos traz à tona a ideia de um sacrifício vicário, em que a morte de um inocente gera expiação para o pecador. A morte sacrificial não é um elemento exclusivo da narrativa cristã, mas aparece em várias tradições, simbolizando a expiação de uma culpa. Na antiga aliança, isso era representado pelo derramamento de sangue animal, onde o sangue “faz propiciação pela vida” (Lv 17:11), criando um meio de reconciliação com o Criador. Em Cristo, o Cordeiro de Deus, essa reconciliação atinge seu ápice, pois ele se entrega por completo, não precisando mais de sacrifícios contínuos.

Nessa perspectiva, os dois eventos configuram um movimento de transição entre o sacrifício imperfeito da Antiga Aliança e o sacrifício perfeito e eterno da Nova Aliança. Conforme Agostinho (2002, p. 392), “um autêntico sacrifício é oferecido em toda ação que se destina a nos unir a Deus em santa comunhão”. O sacrifício de Abraão antecipa a vinda de Cristo, cuja morte é uma oferta única e infalível, que cobre todos os pecados e abre um caminho de redenção acessível a todos os que creem.

Outro ponto teológico importante é o momento crítico de Moriá, pois a provisão divina espelha o ato redentor de Cristo em sua plenitude. Assim, Deus não apenas proveu no momento de Abraão, mas também antecipou o sacrifício que selaria o pacto eterno por meio de Cristo.

Quando chegaram ao lugar que Deus lhe havia indicado, Abraão construiu um altar e sobre ele arrumou a lenha. Amarrou seu filho Isaque e o colocou sobre o altar, em cima da lenha. Então estendeu a mão e

pegou a faca para sacrificar seu filho. Mas o Anjo do Senhor o chamou do céu: “Abraão! Abraão!” “Eis-me aqui”, respondeu ele. “Não toque no rapaz”, disse o Anjo. “Não lhe faça nada. Agora sei que você teme a Deus, porque não me negou seu filho, o seu único filho.” Abraão ergueu os olhos e viu um carneiro preso pelos chifres num arbusto. Foi lá, pegou-o e sacrificou-o como holocausto em lugar de seu filho. Abraão deu àquele lugar o nome de “O Senhor proverá”. Por isso até hoje se diz: “No monte do Senhor se proverá” (Gn 22:9-14).

A conexão entre ambos os sacrifícios ilustra também a substituição do pecado pela graça, representada no cordeiro fornecido a Abraão e no Cordeiro de Deus oferecido pela humanidade. De tal maneira que a morte é uma condição necessária para que a vida possa ser restaurada. Como destaca Calvino, “se Deus contém em si a plenitude de tudo que é bom, uma como que fonte inexaurível, nada devem buscar além dele os que porfiam pelo sumo bem e por todos os elementos da felicidade, como somos ensinados em muitos lugares da Escritura (Institutas III, XXV, 10, p. 461)”.

Assim, o Monte Moriá e o Monte Calvário não são apenas locais geográficos, mas representam marcos teológicos na caminhada da humanidade rumo à redenção, onde o sacrifício de um filho conduz ao restabelecimento de uma relação de graça e vida eterna com o Criador. Dessa forma, a tipologia do sacrifício de Isaac se completa no sacrifício de Cristo, enfatizando que “o justo viverá pela fé” (Rm 1:17).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo explorou as nuances teológicas dos eventos ocorridos no Monte Moriá e no Monte Calvário, oferecendo uma análise comparativa que evidencia o simbolismo do sacrifício na tradição judaico-cristã. No Monte Moriá, o quase sacrifício de Isaque é interpretado como um teste de fé e obediência, onde Abraão se torna o precursor de uma atitude de confiança absoluta em Deus. Já no Monte Calvário, o sacrifício de Cristo manifesta-se como o cumprimento pleno da promessa de Deus, um ato redentor que, diferentemente de Isaque, não encontra substituição.

A abordagem teológica adotada revela como ambos os eventos dialogam sobre o paradoxo entre justiça e misericórdia. No Moriá, a provisão do carneiro substituto aponta para a compaixão divina, que se manifesta sem ignorar a obediência exigida. No Calvário, a oblação de Cristo reflete a justiça de Deus aliada ao amor incondicional, resgatando a humanidade através do sacrifício. Essa análise, portanto, aprofunda a compreensão de como o conceito de sacrifício, entendido como substituição, molda a visão teológica da salvação.

Além do aspecto teológico, a análise abordou implicações éticas, sugerindo que o sacrifício é uma resposta humana ao desejo de reconciliação com o divino, uma forma de expressão que transcende o tempo e a cultura. O estudo destaca que o sacrifício promove uma reflexão sobre valores éticos fundamentais como a justiça e o perdão, temas que permanecem relevantes na contemporaneidade.

Por fim, ao comparar os eventos no Monte Moriá e no Calvário, o estudo contribui para uma compreensão mais profunda da relação entre a antiga e nova aliança. Cristo, como o Cordeiro de Deus, cumpre o sacrifício vicário que não exige mais ofertas contínuas, mas representa uma oferta única e suficiente. Isso reforça o entendimento de que a redenção é acessível a todos os que nela creem, oferecendo uma mensagem de esperança e renovação espiritual.

Assim, o presente trabalho contribui não apenas para o debate teológico sobre a salvação, mas também para a compreensão ética e espiritual do sacrifício na história. Dessa maneira, os eventos estudados fornecem um referencial para a fé cristã, reafirmando o papel do amor e da justiça divina como pilares fundamentais da teologia e da experiência humana com o sagrado.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

BÍBLIA. **Nova Versão Internacional**. São Paulo: Editora Vida, 2011.

CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã** (Vol. 3). São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

CATECISMO da Igreja Católica. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2017.

CHOURAQUI, André. **A Bíblia** - No princípio (Gênesis). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Os nomes como marcadores ideológicos. **Revista Internacional de Semiótica e Lingüística**, São Paulo, v. 7, p. 97-122, 1998.

HOFF, Paul. **O Pentateuco**. São Paulo: Editora Vida, 1983.

HORTON, Stanley. **O Mestre**. Springfield, Missouri: Editora Vida, 1961

HOUSE, Paul Ray. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Vida, 2005.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2001.

MCGRATH, Alister Edgar. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução à teologia cristã. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

SOUZA, Maria de Lourdes dos Santos; MELLO, Leonardo José de. A Kénosis de Abraão como prefiguração do sacrifício salvífico de Cristo. **RHEMA**, v. 19, p. 05-25, 2021.

STADELMANN, Luis Ignacio de Jesús. O sacrifício de Isaac: Um texto clássico sobre o discernimento espiritual na Bíblia. **Perspectiva Teológica**, v. 23, p. 317-332, 1991.

STOTT, John Robert Walmsley. **A Cruz de Cristo**. São Paulo: Editora Vida, 2006.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da Fé**. São Paulo: Editora Paulus, 2016.